

NOVAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS E REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

NEW LANGUAGE PRACTICES IN THE CONTEMPORARY SCENARIO: LINGUISTIC CONTRIBUTIONS AND REFLECTIONS ON THE TEACHING OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Rosália Maria Netto Prados 1
Rodrigo Avella Ramirez 2

Resumo: Propõe-se neste trabalho uma discussão sobre as novas práticas de linguagem no cenário contemporâneo para uma reflexão sobre o léxico e o ensino do português brasileiro. Essa discussão fundamenta-se em teorias linguísticas sobre lexicologia e em estudos do discurso para se refletir sobre as políticas linguísticas e sobre o discurso político-educacional para o ensino da língua portuguesa do Brasil. Este estudo tem como objetivos, apresentar contribuições linguísticas de lexicologia e terminologia, bem como do discurso para discutir novas práticas de linguagem e sua dinamicidade; e descrever discursos político-educacionais de ensino do português brasileiro. Para esta discussão, a metodologia é a de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, sobre teorias linguísticas e um estudo do discurso político-educacional quanto às novas práticas de linguagem e considerações teóricas sobre o léxico.

Palavras-chave: Discurso. Léxico. Linguística. Ensino.

Abstract: This work proposes a discussion about the new language practices in the contemporary scenario for a reflection on the lexicon and the teaching of Brazilian Portuguese. This discussion is based on linguistic theories about lexicology and on discourse studies to reflect on linguistic policies and on the political-educational discourse for teaching the Portuguese language in Brazil. This study aims to present linguistic contributions of lexicology and terminology, as well as discourse to discuss new language practices and their dynamics; and to describe political-educational discourses on teaching Brazilian Portuguese. For this discussion, the methodology is that of a descriptive research, with a qualitative approach, on linguistic theories and a study of political-educational discourse regarding new language practices and theoretical considerations about the lexicon.

Keywords: Discourse. Lexicon. Linguistics. Teaching.

- 1 Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP); Pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP); Professora e Pesquisadora na Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa, no curso de mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1028299162272414>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2138-8422>. E-mail: rosalia.prados@gmail.com
- 2 Doutor em Educação, Artes e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP (UPM); Professor e Pesquisador na Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa, no curso de mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3875857514322336>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8468-2851>. E-mail: roram1000@hotmail.com
- 3 Indígena da etnia Arapim, Doutoranda no Programa de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGSA – UFPA, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena – PPGEI, pós-graduada em História e Geografia, e graduada também em Licenciatura Intercultural Indígena (na área de Ciências Sociais e Humanas graduada em Geografia,) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4086274398146543>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8090-7870>. E-mail: hellenreginamartinsrocha@gmail.com

Introdução

Este estudo apresenta uma discussão sobre o português brasileiro e o ensino da Língua Portuguesa do Brasil na contemporaneidade, frente às diferentes e novas práticas de linguagem decorrentes do avanço das tecnologias de informação e comunicação. Para isso, é pertinente apresentar contribuições de pesquisas linguísticas, quanto ao léxico e à terminologia, além das contribuições da Sociolinguística para essas reflexões sobre o português brasileiro e políticas de ensino.

Ao longo do processo histórico do português do Brasil, caracterizava-se, mesmo que de forma tímida, uma discussão sobre políticas linguísticas, desde a colonização brasileira. E, de acordo com Prados e Alvarez (2016), na literatura romântica, no século XIX, por exemplo, já se manifestavam conflitos entre escritores portugueses e brasileiros sobre a língua falada no Brasil e, mais tarde, no período literário modernista, escritores como Manuel Bandeira e Oswald de Andrade destacaram em sua poesia diferentes falares brasileiros.

O ensino da Língua Portuguesa, portanto, situa-se segundo o processo de identificação cultural e social do brasileiro no que se refere ao seu uso da língua. Assim, quanto ao ensino da Língua Portuguesa no Brasil, existe a concepção de que a escola é responsável pelo ensino do modelo formal da língua escrita, como sendo o modelo correto, que deve ser seguido (BAGNO, 2007). De outro lado, existem as contribuições da ciência, dos estudos linguísticos, quanto às questões de diferentes usos da língua, das variações linguísticas, que, segundo Prados e Alvarez (2016), ainda são apontadas como deficiências linguísticas.

Para se discutirem novas práticas de linguagem no cenário contemporâneo, novos usos e novos *termos/palavras* do português brasileiro, propõe-se uma discussão fundamentada interdisciplinarmente com contribuições da Sociolinguística e da Análise do discurso, além de estudos contemporâneos da Lexicologia e Terminologia. Assim, ao se considerarem as práticas sociais e discursivas contemporâneas, no processo de ensino e aprendizagem, manifestam-se discursos que refletem os sistemas de valores de uma sociedade. Maingueneau (2008, p. 138) considera a pertinência da produção discursiva no uso social da língua, pois é o que dá “...sentido aos atos da coletividade, aquilo para além dos quais não há mais do que o indizível. Zonas de falar entre outras e falas que se pretendem acima de qualquer outra”.

Para uma reflexão sobre a palavra, considera-se, nesta discussão, que **a linguagem humana tem um caráter dialógico, pela** dinâmica discursiva do sujeito, já que a comunicação pressupõe um processo de interação verbal **e suas múltiplas possibilidades**. Para Bakhtin (1990), o discurso **sempre reflete outros discursos**.

Atualmente, para o desenvolvimento das pesquisas em Linguística, sobre o estudo da linguagem humana e a produtividade discursiva nas práticas sociais contemporâneas, há necessidade de se considerar o léxico e sua “atualização” no contexto intra e extralinguístico. Segundo Barbosa (1998), o estudo científico do léxico, a Lexicografia, veio a tornar-se uma das “técnicas” da Lexicologia, bem como uma ciência aplicada em relação à ciência básica, a Lexicologia. Essa perspectiva de estudo considera a prática discursiva.

Assim como ocorre com as ciências básicas, aplicadas e ou tecnologias em diferentes áreas do conhecimento, as disciplinas que integram os conjuntos das ciências e tecnologias da linguagem mantêm entre si processos de intensa cooperação. As relações de investigação inter e multidisciplinares, os processos de “alimentação” e “realimentação” e as especificidades epistemológicas de tais disciplinas se voltam de diferentes maneiras para a análise, descrição ou tratamento da palavra e sua atualização no discurso.

Este trabalho tem como objetivos, apresentar contribuições linguísticas de Lexicologia e Terminologia, bem como do discurso, para discutir novas práticas de linguagem e a produção de novos *termos* e palavras; e descrever o discurso político-educacional da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto ao ensino do português brasileiro. Para esta discussão, a metodologia é a de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, sobre contribuições linguísticas para o ensino da língua, sobre o discurso político-educacional e novas práticas de linguagem.

A organização desta pesquisa se deu a partir de três momentos: o primeiro, *Estudos da linguagem: contribuições linguísticas*, em que se apresentam algumas discussões conceituais

de língua e fala, das contribuições da Sociolinguística; o segundo, *Estudos de Lexicologia e de Terminologia*, em que se apresentam contribuições da pesquisa linguística sobre processo de produção, léxico e semântica; o terceiro, *Novas práticas de linguagem: o discurso político-educacional e o ensino*, em que se trazem considerações teóricas sobre o uso social da língua, sobre o discurso e sobre a produção de novos termos e palavras para uma discussão sobre a BNCC e o ensino da língua no contexto contemporâneo.

Estudos da linguagem: contribuições linguísticas

São pertinentes os estudos das relações de linguagem, da língua e seus discursos no contexto contemporâneo, já que esta discussão trata dos usos da língua, novas linguagens e da produção de novas palavras. Nesta reflexão sobre o léxico também se consideram estudos sobre o discurso, pois, segundo Bakhtin, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1990, p. 43).

Quanto aos estudos da linguagem, no percurso histórico das pesquisas linguísticas no Brasil, antes da década de 1960, segundo Altman (1998), caracterizavam-se três diferentes tendências: a histórico-filológica e a dialetológica, ambas voltadas a um tratamento diacrônico da língua; e a outra, a estruturalista, sincrônica. São pertinentes, portanto, as considerações sobre as contribuições de Saussure (2012), que apresenta a linguagem como uma instituição social.

Para se iniciar esta discussão sobre o léxico, uma das contribuições mais significativas da teoria saussureana, foi a distinção língua (*langue*) e fala (*parole*), em que a língua é apresentada como a parte social e a fala, a individual. Essa proposta de uma *linguística de língua* e uma *linguística de fala* determina as direções das pesquisas linguísticas no século XX. De modo que se distingue uma *Linguística Interna*, que trata do sistema ou estrutura/*da forma*, de uma *Linguística Externa*, que trata dos aspectos *sociais* e *contextuais* de comunicação (MUSSALIM; BENTES, 2007).

Os estudos linguísticos de Saussure se detêm no caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico. Ainda que se tenha reconhecido também a relevância do estudo de fenômenos externos à língua como as relações sociais e culturais, acreditava-se que era possível se estudar o organismo linguístico sem considerar tais fenômenos. E houve um período, em que se caracterizaram as pesquisas sobre o sistema linguístico ou estrutura, o estruturalismo.

Os pós-estruturalistas, após a década de 1960, centralizam seus estudos na fala, e no discurso. Há uma diversidade de interações, com diferentes usos da língua em instâncias privadas e públicas, com a concepção de linguagem como atividade constitutiva, cujo *locus* de realização é a interação verbal. Dentre essas pesquisas, estão a Sociolinguística e a Análise de Discurso que, além dos novos estudos de Lexicologia e Terminologia, fundamentam esta discussão.

Neste trabalho sobre as práticas contemporâneas de linguagem, ao se voltar para os aspectos sociais e contextuais, são pertinentes as considerações sobre as variações linguísticas e as pesquisas da Sociolinguística. Essas pesquisas revelam que uma língua não é homogênea e sua função é estudar toda e qualquer manifestação linguística. Segundo essa perspectiva, a língua deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem, que é sua diversidade e a possibilidade de mudanças. E são inegáveis as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala.

As mudanças linguísticas não ocorrem somente no tempo, segundo Faraco e Vieira (2016), mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas. Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas adequados às necessidades de seus usuários.

Toda pessoa que fala uma determinada língua conhece as estruturas gerais de funcionamento dessa, isso não significa, no entanto, que todos os falantes de uma língua a utilizem de maneira rigorosamente uniforme. Existe um grande número de fatores (como a idade, o grupo social, o sexo, o grau de escolaridade etc.) que interferem na forma individual que o falante tem de se expressar.

A Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural. E se evidencia que essas inter-relações de sociedade e cultura são muito complexas e podem assumir diferentes formas ou uma relação direcional: que é a influência da língua na sociedade, ou da sociedade na língua (ALKMIN, 2007).

Segundo Cunha e Cintra (2005, p. 3), é recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos também diversificados social, cultural e geograficamente. Sendo assim, uma língua não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, que inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas.

Em relação às contribuições da pesquisa sociolinguística, são igualmente pertinentes as considerações sobre as diferenças de usos da língua e as suas variações, de acordo com Bagno (2007), quanto ao espaço geográfico em que essas diferenças ocorrem, constituem-se as variações diatópicas (do grego *Dia* “através de” e *Topos* “lugar”); quanto às diferenças de usos da língua entre as camadas sociais, constituem-se as variações diastráticas (do grego *Dia* “através de”, e do latim *Stratum*, “camada, estrato”); quanto às diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, o uso que indivíduo faz da língua, de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal, constituem-se as variações diafásicas (do grego *Dia* “através de”, e *Phásis* “expressão, modo de falar”); quanto às diferenças entre a língua falada e a língua escrita, constituem-se as variações diamésicas (do grego *Dia* “através de” e *Mésos* “meio” no sentido de “meio de comunicação”); e quanto às mudanças da língua ao longo do tempo e diferentes etapas da história de uma língua, constituem-se as variações diacrônicas (do grego *Dia* “através de” e *Khrónos* “tempo”) (BAGNO, 2007).

Segundo Bagno (2007), a variação é inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis; fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade em nada prejudica as suas condições funcionais.

Estudos de Lexicologia e de Terminologia

A partir dos estudos pós-estruturalistas, desenvolveram-se novas pesquisas de Lexicologia e de Terminologia. É pertinente introduzir essa discussão com uma reflexão sobre a identidade científica entre as disciplinas Lexicologia/Lexicografia e Terminologia/Terminografia, uma vez que mantêm relações de interdisciplinaridade, multissignificação e ao mesmo tempo especificidades próprias. Essas pesquisas desenvolvidas por Barbosa (1998) propõem uma análise e descrição lexicográfica e terminográfica, a partir do pós-estruturalismo, com um olhar sobre a linguística de fala e sobre o discurso.

A Linguística, por estudar a estrutura e funcionamento da linguagem verbal, é o estudo científico da linguagem humana e pode ser considerada, assim, um ramo da Semiótica - ciência da significação; e a Lexicologia, um dos ramos da Linguística, tem por objeto de estudo a *lexia*, unidade do universo lexical vista como, unidade memorizada, disponível para atualização, que é o processo que permite trazer a palavra dos bancos da memória para a situação atual. Porém uma língua não é apenas uma nomenclatura - correspondência unívoca entre nome e coisa, a palavra pertence a um sistema de relações e sua única realidade significante provém das delimitações que lhe impõe a existência daquele sistema (PAIS, *et al.* 1979).

De acordo com Barbosa (1998), além do estudo estrutural do léxico, a Lexicologia científica caracteriza-se pelo estudo estrutural-funcional do léxico, conferindo-lhe rigor científico, uma vez que emprega métodos e técnicas de análise e de descrição, segundo as proposições teóricas das diferentes e sucessivas correntes linguísticas. Atualmente, para o desenvolvimento das pesquisas, tanto no ramo da própria Linguística, como para o desenvolvimento de pesquisas em outras ciências humanas, há necessidade de se considerar o léxico e sua atualização no contexto intra e extralinguístico.

Há uma grande área de intersecção entre Lexicografia (descrição e análise do léxico) e Terminologia, uma vez que, segundo Barbosa (1998), essa última estuda o conjunto de unidades lexicais dentro de um universo de discurso, embora se distingam como ciência das definições e ciência das designações, respectivamente. Nessa perspectiva, além da concepção de *termo*, como uma designação própria de um determinado universo científico, propõe-se neste estudo considerar também a produção de novos *termos*, segundo aspectos contextuais da comunicação.

A origem da Terminologia, segundo Cabré (2005), mostra que as denominações dos conceitos científicos sempre dependeram dos seus especialistas, no entanto, graças ao interesse

de especialistas, tanto no campo das ciências como no campo da técnica, foram desenvolvendo-se duas vertentes: uma teórica e uma aplicada. A ciência, enquanto processo de busca da verdade e construção do conhecimento e a aplicação de um saber a um fazer, que é uma ciência aplicada e tecnologia. Tratam-se de campos e métodos que correspondem a recortes observacionais distintos de um aparentemente objeto de estudo (CABRÉ, 2005).

Segundo Cabré (2005), os termos são as unidades básicas da Terminologia e designam os conceitos próprios de campos discursivos ou de disciplinas específicas. O conjunto dos *termos* de um campo, isto é, sua terminologia, representa a estrutura conceptual dessa matéria e cada um dos termos denomina um conceito da rede estruturada de tal matéria em questão.

As relações de investigação inter e multidisciplinares, os processos de “alimentação” e “realimentação” e as especificidades epistemológicas de tais disciplinas se voltam de diferentes maneiras para a análise, descrição ou tratamento da palavra, ou *lexia*, segundo Pottier (1978), e sua atualização. Essa é uma perspectiva da semântica discursiva.

Segundo Pottier (1978), o signo linguístico, seja qual for a dimensão, tem sempre os mesmos constituintes: *significado* e *significante* e existe uma relação entre esses componentes de dupla implicação, sendo que, se um significante não tem significado em uma língua natural, não é um signo. Por sua vez, considera-se que o significado é formado de uma substância (específica) e de uma forma (genérica). A substância do significado é constituída por um conjunto de traços semânticos; e a forma do significado é caracterizada por traços classificatórios que são a base de categorias.

Se os *termos* são unidades do sistema léxico (incluindo o léxico comum e o especializado) que compõem parte de um sistema gramatical geral, a Terminologia segue as mesmas regras de construção de frases e de construção do discurso que as demais unidades léxicas da língua. Sendo assim, a terminologia é parte integrante do sistema léxico, os *termos* são unidades sígnicas que podem ser analisadas linguisticamente, segundo três pontos de vista diferentes: formal (a denominação); semântico (o conceitual) e funcional (a categoria e distribuição) (CABRÉ, 2005).

Esses estudos de Lexicologia e de Terminologia, bem como a metodologia de análise e descrição de *termos*/palavras fundamentam as pesquisas sobre o léxico, a partir de uma perspectiva discursiva. O acréscimo de novos fatos e novas unidades linguísticas, decorrentes da síntese de investigações ou descobertas científicas, ou mesmo de novas práticas de linguagem e novos meios, realimenta o discurso, ou campo de interação que reafirma o processo dinâmico da linguagem. Os estudos contemporâneos do discurso, portanto, complementam essa discussão sobre novas práticas de linguagem e novos contextos decorrentes das novas tecnologias nos processos de comunicação que justificam diferentes falares e a dinamicidade na criação de novos *termos* ou palavras, caracterizando-se, assim, a produtividade de uma língua.

Novas práticas de linguagem: o discurso político-educacional e o ensino

A perspectiva do discurso, no processo de ensino da língua no cenário contemporâneo possibilita o tratamento das relações de linguagem da cultura contemporânea, a partir da inserção de novas tecnologias e suas práticas linguísticas. Em cada esfera de uso da língua, segundo Bakhtin (2011), são elaborados tipos relativamente estáveis de enunciados, de acordo com as necessidades de interação entre os interlocutores em diferentes redes de comunicação.

Para se discutir o ensino da língua é pertinente, portanto, refletir sobre a comunicação, já que esta ultrapassa o nível de simples relação entre emissor e receptor, de modo que não há como se desconsiderar o discurso. Segundo Wood, a comunicação é “[...] um processo sistêmico no qual as pessoas interagem com símbolos e por meio deles para criar e interpretar significados” (WOOD, 2009, p. 37).

Os diversos contextos e práticas socioculturais influenciam os processos de significação, que são ativados pelos sujeitos-comunicadores, quando cada um desses participa de um processo de interação simbólica. De acordo com Prados, Ramirez e Fernandez (2020), o discurso resulta de um *processo de produção de sentido, gerado, segundo* outros discursos que, por sua vez, são atualizados em um determinado contexto espaço-temporal, com o objetivo de se criar certos

sentidos, ou para se atingir a determinado público.

Justifica-se essa perspectiva do estudo do discurso, pois esta discussão trata das novas formas de linguagem, produzidas em novos contextos, e criação de novas palavras e *termos* que, por sua vez, têm origem em novas práticas sociais e discursivas, como também, passam a fazer parte de um determinado contexto de comunicação. Diferentes discursos são veiculados em redes sociais contemporâneas e se evidencia, portanto, a dinamicidade da língua.

Quanto às práticas de linguagem, considere-se que o sujeito está inserido em um processo de identificação ao compartilhar a língua, saberes, valores e crenças de um determinado grupo ou comunidade, por uma visão de mundo e por um imaginário coletivo. Essa visão de mundo, segundo Pais (2007), possibilita o convívio social e confere a todos os membros de um mesmo grupo a sua identidade linguística, cultural, memória social, consciência de pertencimento e de continuidade no tempo.

Nas diferentes práticas sociais, em diferentes contextos culturais e linguísticos, circulam diferentes discursos e respectivos falares. Essa perspectiva tem relação com as contribuições sociolinguísticas e estudos do discurso para o ensino do português brasileiro.

Segundo Prados, Ramirez e Alvarez (2021), essas discussões se impõem no contexto sociocultural e linguístico contemporâneo em que se exigem sempre soluções novas em sistemas também novos nas práticas sociais e discursivas. Por meio das tecnologias móveis, por exemplo, os usuários da língua apresentam novas relações de linguagem e diferentes variações linguísticas, o que constitui mais um desafio para no processo de ensino das linguagens e suas tecnologias.

No desenvolvimento do componente curricular Língua Portuguesa, na BNCC (2018), de acordo com Prados, Ramirez e Alvarez (2021), retomam-se orientações curriculares, publicadas nas últimas décadas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), cujas orientações já se alicerçavam nos estudos científicos da língua. Busca-se atualizar a política de ensino de língua, com base em pesquisas linguísticas recentes, além de se considerarem as mudanças nas práticas de linguagens em decorrência do avanço de tecnologias digitais de informação e comunicação.

Quanto à política de ensino de língua, segundo a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, (BRASIL, 2018), o componente curricular Língua Portuguesa apresenta-se, portanto, atualizado, em relação ao avanço das pesquisas linguísticas, como os estudos do discurso. Segundo Prados, Ramirez e Alvarez (2021), caracteriza-se uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, nos quais a linguagem é apresentada como um processo de interlocução que tem origem e se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade.

O conhecimento sobre a língua, normas e usos, e sobre as diferentes linguagens, de acordo com a BNCC (2018), devem ser considerados no processo de ensino. Assim, cabe ao componente curricular Língua Portuguesa dar conta da ampliação de letramentos, por meio das várias experiências linguísticas nas novas práticas de linguagem, de modo a proporcionar a participação crítica do sujeito em relação à aprendizagem da língua.

Assim, as orientações político-educacionais de Língua Portuguesa voltam-se para os estudos de discurso e texto, uma vez que a abordagem da perspectiva enunciativo-discursiva possibilita o estudo da interação verbal na participação social em diferentes esferas da vida pública, do trabalho e pessoal de forma justa e igual.

De acordo com a BNCC (2018), atualmente, as linguagens envolvem novos gêneros discursivos e textos, cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, além de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir de diferentes modos. Ao se considerar essas práticas de linguagens, há uma ampliação de signos verbais e de palavras que fazem parte de diferentes contextos, mídias e novos *termos* no léxico contemporâneo, como, por exemplo, *e-mail*, *e-book*, *podcasts*, *playlists*, *vlogs*, *e-zines*, *booktuber*, *youtuber*, dentre muitos outros. Nesses novos contextos da *Web*, há vários empréstimos do inglês nos falares que caracterizam o discurso multimidiático.

Nesta discussão, sobre o ensino são relevantes as contribuições sociolinguísticas, pois é pertinente considerar a existência da diversidade, ou variação linguística, que constitui o repertório verbal utilizado pelas comunidades que são caracterizadas pelas diferentes maneiras de falar. Discussões sobre os usos, a linguagem padrão, a não padrão devem ser objeto do discurso educacional. Toda língua tem suas especificidades e o português falado no Brasil apresenta

variações que possibilitam aos falantes o sentido de pertencimento e de identidade.

As variedades linguísticas que empregam os membros de uma comunidade fazem parte de sua identificação social. Na sociedade brasileira, de um modo geral, algumas variedades são estigmatizadas por algumas pessoas e pela escola que, por sua vez, não deve só priorizar o ensino da norma padrão, modelo da escrita. No processo de ensino, ao não se considerarem as variedades da fala, instaura-se um conflito entre os valores simbólicos que a instituição pretende inculcar e o que o aluno tem para compartilhar com os demais membros da própria comunidade que, por sua vez, o identifique com seus pares. A consequência desse conflito pode ser a rejeição tácita da variedade padrão da escrita, em termos de ensino de língua e de outros valores da classe dominante (CAMACHO, 2007).

No processo de ensino, é muito comum serem percebidas as variações linguísticas, ou o uso particular do léxico presente em certas falas, como “maneiro”, “esperto”, para indicar avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações de interação entre iguais, que caracteriza um dos falares no Rio de Janeiro, por exemplo. De acordo com Bagno (2007 p. 54), a língua falada e a língua escrita têm uma relação complicada, pois precisa ser profundamente reexaminada no ensino, posto que os estudos gramaticais se dedicam exclusivamente ao modelo da língua escrita literária formal, ou padrão culto. Já a língua falada passou a ser considerada objeto de estudo científico. Não se pode, simplesmente, abolirem-se certos usos e priorizar-se apenas a variedade da escrita na fala.

De acordo com Bagno (2007), se o domínio da norma padrão culta fosse um instrumento de ascensão na sociedade os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país. Muitos brasileiros acreditam que não sabem português, ou que a língua é muito difícil, por isso se têm a percepção de que aqui a língua falada é toda errada, por esse motivo o preconceito linguístico manifesta-se em diferentes situações.

Segundo Prados, Ramirez e Alvarez (2021), no discurso político educacional da BNCC, justifica-se a perspectiva do discurso no ensino da Língua Portuguesa, uma vez que, a tradicional instrumental resultou em diferentes deficiências e ficaram excluídas variedades de diferentes grupos sociais. De acordo com o documento, a escola deve proporcionar diferentes interações nas novas práticas de linguagem, segundo a concepção de linguagem como atividade constitutiva, cujo *locus* de realização é a interação verbal.

Assim, evidencia-se que, no documento oficial, BNCC, de políticas educacionais para o ensino de língua, a linguagem literária não é mais considerada como modelo correto de ensino, ou como única forma legítima de falar ou escrever. Os estudos sociolinguísticos e do discurso têm contribuído para uma reflexão sobre a dinamicidade e produtividade da língua e o ensino.

Considerações Finais

Não se pretendeu, nessa discussão, fazer uma análise do ponto de vista crítico, quanto à perspectiva filosófica ou social, sobre o documento de política educacional contemporânea, a BNCC, para o ensino da língua. Apesar de legítimos, não se pretenderam discutir o exercício da crítica à sociedade, à influência da inovação tecnológica nos sistemas educativos, ou à educação voltada para manutenção de poder, mas somente tratar da aplicação de algumas das pesquisas linguísticas contemporâneas que se apresentam no documento.

A palavra não é isolada e seu sentido é significativo em uma determinada situação de uso, em um contexto sociocultural e histórico nas práticas de linguagem de um sujeito na atividade da interação verbal. As contribuições sociolinguísticas e dos estudos do discurso foram pertinentes para se refletir, não só sobre o léxico e a dinamicidade de uma língua, mas também sobre o ensino do português do Brasil nos novos contextos decorrentes de novas mídias na contemporaneidade com suas variedades diaméricas, ou dos meios, e diafásicas, ou dos universos discursivos.

Conceber a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo *locus* de realização é a interação verbal, possibilitou essa discussão sobre as novas práticas de linguagem e sua produtividade multissemiótica e multimidiática, gerada por diferentes discursos que circulam nas práticas sociais e redes digitais. Caracteriza-se, assim, a produção de novas palavras e *termos*.

Essa produtividade linguística se dá nos diferentes campos discursivos nas práticas sociais contemporâneas, portanto a perspectiva do ensino da língua deve ser o da abordagem enunciativo-

discursiva, pois o exercício da interação verbal nessas práticas é o da língua marcada pela fala.

Os estudos contemporâneos de Lexicologia e de Terminologia, segundo a perspectiva pós-estruturalista do discurso, possibilitaram essas reflexões sobre o léxico e a produção de novas palavras, ou *termos*, no campo de interação verbal nas redes sociais e digitais. E, também, foram pertinentes os estudos sociolinguísticos, quanto às diferenças que caracterizam as variações linguísticas e o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, bem como orientações da atual política educacional da BNCC, nessa área.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil: (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 1998.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é? Como se faz?** 49ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. **Acta semiotica et linguistica**. São Paulo: Plêiade. v.7, p. 25-44, 1998.

BRASIL, Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**, BNCC. Brasília: MEC, 14 de dezembro de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.

CABRÉ, Maria Teresa. A Terminologia, uma disciplina em evolução: passado, presente e alguns elementos de futuro. **Debate Terminológico**. Artículos Sección Temática. n. 1, 2005. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/21286>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporânea**. 3ª Ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. **Gramáticas Brasileiras: com a Palavra, os Leitores**. São Paulo: Ed. Parábola, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PAIS, Cidmar Teodoro. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. **Revista Acta Semiótica et Linguística**. SBPL, v. 11, n. 30, 2007, p. 149-157.

PAIS, Cidmar Teodoro *et al.* **Manual de Linguística**. São Paulo: Vozes, 1979.

POTTIER, Bernard. **Linguística Geral, Teoria e Descrição**. São Paulo: Ed. Presença, 1978.

PRADOS, Rosália Maria Netto; ALVAREZ, Sonia Maria. Ensino da Língua Materna no Brasil: políticas públicas e reflexões sobre o curso de Letras. **Revista Linguagem & Ensino**. v. 19, n. 1, 2016, p. 125-143.

PRADOS, Rosália Maria Netto; RAMIREZ, Rodrigo Avella; ALVAREZ, Sonia Maria. Reflexões sobre políticas educativas, BNCC e Formação docente. **Revista on line em Gestão e Política Educacional**. UNESP. Araraquara, v. 25, n. 1, jan. / abr. p. 86-102, 2021. DOI: 10.22633/rpge.v25i1.13628. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13628>. Acesso em: 9 jun. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Ed. 33. São Paulo: Ed. Cultrix, 2012.

WOOD, Julia T. **Mosaicos da Comunicação: Uma Introdução aos estudos da Comunicação**. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.